

RICARDO MOREIRA REBELLO



NEM PREFÁCIO

Este livreco é apenas uma distração, escapadela aos cuidados diários com a saúde da minha mãe. Sei que não tenho talento artístico, imaginação criativa e capacidade para desenvolver idéias de ficção. Se alguém se der à pachorra de lê-lo, mesmo salteado, peço não o elogie, que estará agindo apenas por delicadeza desnecessária.

IMITAÇÃO

Li há algum tempo "*Antes das Primeiras Estórias*", quatro contos de Guimarães Rosa publicados por primeiro na imprensa carioca pelo final da década de vinte, quando ainda não desenvolvera o soberbo estilo com que recriou o universo sobre o sertão das Gerais. Comecei a admirar sua obra por intermédio do saudoso professor Ignácio Penteado da Silva Telles. O deslumbramento foi tamanho que, na presunção adolescente, supus pudesse segui-la. Rabisquei uma série de mini-contos, que desde então tencionava reunir em homenagem à festa de São Benedito. Felizmente percebi a tempo que me expunha ao ridículo pela falta de originalidade, e os destruí. Sobraram daquela época dois, desenterrados do arquivo que doei à Casa da Cultura. Peço perdão por mostrá-los agora, reconhecendo que o gênio é inimitável, e que simples mortais devem limitar-se a louvá-lo sem tentar seguir seus trilhos.

O Trenzinho dá Festa

De repente, o deslumbramento. O trenzinho descia a praça, mundéu de povo em felicidade. Até os velhos parece que mais gostantes, revivendo coisas pensadas-que-perdidas.

O momento primeiro, pelo escrito, se sabe - de alegria. Apitozinho dele entrou pelo ouvido, piúando, piúando. Dele: do que não era o, só tratorvesti, com carretas de bancos. Mas sendo novidade, e conforme dizer geral ficava o dito pelo São Dito. Aí, seguiu, olhante-querente, o cujo imaginável trilho, nas pedras da rua. À frente, o sem-fumaça, gentípleto, anunciável; no atrás reveio, apitando dentro, isto é - seu coração.

Ponto final, estaçõzinha de mentira. Se restou, boquimudo, enquanto formigava a passageirada: compra passagem, mostra passagem, começa passeio.

Susto de tanta gente não fazia o seu descompasso. Desde o ano retrasado que traziam ele no tempo da Festa. Vistas, portanto, as pessoas, luzes, barracas com badulaques só-de-olhar, tiroalvo, edicetra e tal. Tinha seguido a procissão, o juizado - guardachumar sem chuva, e Rei-Perpétuo, rainhas, os de espada na mão, o padre, o andor, banda rematando. Maioral das coisas: a congada. Incoubera no tamaninho de seus olhos o milhão de homens com fardas unicolores. Separados em ternos, os quais, cada um, cantavam particulares modas vivendo santo grande Benedito.

Naquelas vezes, estando novato, não se vexara de ir no ajuntamento com a molecada, até batendo lata, por dessabidos caminhos, aonde iam. O porquê que agora ficava ali semjeitado, não desconfiava quase, por pequenez de idade; era ser porém a em referência parada de gente-grande, todos de a pé, e séquito. Mas agora, os sequitores iam idos, senhor-donos, só cachorro seguinte. Queria ser personagem.

Em durante a matutança espremia defensivo trouxim havente no bolso da calça; de onde só saía a mão por coceira de nariz ou pedir benção a algum conhecido pater-materno. Se passou-lhe na idéia a prezangação em casa: que ganhava quinhentos mirréis; que não gastasse atoa; que dinheiro o pai não achou na estrada; que se comprasse comprasse coisa com serventia - de-vestir, que é o que vale. Contabilizando vontades, não guardava, até então, querer firme maior nenhum. Vinha jantado: três da tarde lhe obrigaram engolir sobra do almoço - Prá não cismar de pedir todo comível lá cheirasse. Indesejava, por mais demora. Contudo (e com nada) ali veio ezabrupita a vontade. Pensou-se lorde, levado; dentro sentável no percurso da paisagem.

Posto inteiro na pergunta. - Trezentos. Lembrou pai, lembrou mãe, repassada poeira no irevir, pédois. Podia? Anual festa, dizenda estória. Pai pó pobre mãe - marmelo vara. Vez uminha, mil gentes. Mão no bolso. Seguia: apito - pito - apito - pito - pi-to - pi-to - apito, pito-pitô, canudo rachô. Espiou embaçado o afastante. Renhido foguetório, buzinas, risadas; longe longe próprio barulho. Depois, agachou na calçada, onde obrando cabeçudo carreiro. Passou-lhe o pé, macetável, e o sonzinho do seu choro amolou ninguém.

Rei Perpétuo

Não, nunca que aquela era vez igual a outras, nem vindo daquele jeito a tristeza apertante, espremível nó na garganta de todo fim-de-festa. Ao repassado arrepio escorrendo pela cacunda, ao bater descompasso, e até às lágrimas - já se acostumara. Mesmo julgassem acarinhava tais sentires, mas, repetentes cada ano, sempre cheios de esperas e promessas.

Agora, ali, diferenciava. Se sentado ao pé do cruzeiro, que fizera, mais a escadinha, criminosas ferramentas e letreiro, ruminando os tempos idos. Lhe demais confusa, esquecível, dormia a visão da primeira uma que ida. Sessenta, setenta, oitentanos? Outras, depois. Sem essas animações, foguete até rarejado. A pracinha acanhada, um como malhador de pasto, Deus perdôe, poeirama grossa. A capela, o que tinha. Mas, tão miúda, o povo todos de fora, curtiam sol, curtiam chuva, entrados apenas o padre, longevindo cada agosto, aquele dia - o sacristão, os festeiros. E os amigos casavam, se pascoava, cumpríveis preceitos. Depois da missa o leilão, cartucheios de doces coloridos de anilina, frangos, leitão vezou outra. O padre enchia o bolso, e metia o pé na estrada. Mais tarde, o fútingue, mocinhas da roça tresolhantes, o sanfoneiro, a cachaçada.

E sido assim, no sempre, ele ali rente, crescendo e crescendo a festa. Toda vez, uma melhorinha - barraca nova, camelô do Rio, a putada que engrossava... Em cada coisa se punha, e tudo era um pouco seu - cujos trabalho e mando, liderante.

No hoje, porém, divergia. Chegadas as lembranças qual presságio, uma idéia. Se repetisse, como, a procissão sinistra do perpétuo, rei primeiro. O velho idosíssimo, por cumprimento de desejos, em cadeirinha, levado a ver, no derradeiro, cada subida e descida, o casario, a paisagem - seu lugar.

Espelhante: branqueara, baqueara. Decidito: a vida, uma herança em migalhinha! Levou-se, então, lassos olhos, em o canto congadal, pelas portas dos vizinhos, pelas ruas do arraial, pela poeira dos caminhos - para o seu ponto final.

SEM TÍTULO (*)

São Benedito é religiosidade, folclore, tradição, encontro de amigos. Mas São Benedito precisa ser muito mais que isso: precisa ser beleza, disciplina, segurança, fonte de renda para o Município. Assistindo pela televisão ao esplendor do festival do boi de Parintins e das festas juninas de cidades do Nordeste, às vezes menores que Machado, ficamos invejosos e frustrados. Não teremos nunca condições de produzir espetáculo semelhante?

Cumpramos reconhecer que dirigentes congadeiros, nos últimos anos, conseguiram algum progresso na organização das festividades. Só através dela atrairemos visitantes, única fonte de divisas para melhorar nosso produto - e o turismo é produto disputado a unhas e dentes num mercado competitivo e cada vez mais profissional. Faltam à Associação, todavia, apoio maior das autoridades, poder de decisão e de mudança. Não basta fazer lei sobre o assunto, ainda que bem intencionada: é necessário coragem para pô-la em prática, pois sem quebra de velhos e acanhados privilégios tudo ficará na mesma.

A quem aproveita a situação atual? Por enquanto, é só o da gente pobre daqui mesmo, que na festa se abastece de artigos ordinários, o dinheiro que nela circula - aliás, não circula: vai embora, no bolso de ambulantes, sem benefício para a Cidade. Teremos sempre um camelódromo de quinquilharias, cuja venda prejudica nosso comércio, em troca do miserável aluguel de pedaços de rua? Estaremos condenados a conviver com o risco de incêndio das barracas amontoadas, do consumo de alimentos sem higiene? Até quando haveremos de presenciar ternos com fardamento pobre por insuficiência de patrocínio, desrespeitados e desfilando espremidos entre carros?

Precisamos, com urgência, aperfeiçoar o nosso folguedo, torná-lo diferenciado e mais convidativo a pessoas de fora. Ninguém viaja quilômetros e quilômetros para ver danças corriqueiras, para comprar o que há na esquina ou para comer o que encontra em qualquer boteco. Ao menos o logradouro principal, a praça, deve reservar-se para ampla evolução dos ternos, todos treinados, com uniformes vistosos e impecáveis, aptos a proporcionar agradável entretenimento. Ao redor dela só se montem barracas padronizadas, com venda de artesanato, alimentos típicos e restaurantes de todo asseio - já temos para isso o "know how" da Uniartma. Nos dias de procissão e de reinado, sejam as ruas interditadas e esvaziadas.

Que o Santo nos proteja e nos permita homenageá-lo como merece. Que as páginas seguintes ajudem a difundir a nossa

cultura, e que esta despretensiosa reflexão contribua de algum modo para valorizá-la.

(*) Observação: Este texto foi escrito para a revista "*Congadas*", de 2.004, a pedido de um de seus editores, e considerado impróprio para publicação "*em face de ela ser patrocinada pela Petrobrás*"...

PRETEXTO

Celebraremos este ano (2.014) o centenário da festa de São Benedito em nosso município. Este ano não é - afirmo-o com segurança - o centenário da festa de São Benedito em nosso município. Pouco importa. O ensejo para o evento é o registro, na página 65 do primeiro livro de tombo paroquial, que se encontra no arquivo da Cúria Diocesana de Guaxupé, de uma festa em louvor daquele, *"devido principalmente aos esforços da população de cor"*. Isso, porém, não significa em absoluto que ela tenha sido a inicial aqui ocorrida. Foi, apenas, a que por primeiro mereceu a atenção do Vigário.

Conforme depoimento de tia Anselma, preta velha que se mudou para Taubaté, os ternos de congo machadenses apareceram nas festas de São João, na zona rural. Depois passaram a dançar também noutros dias santos. Com o correr dos anos chegaram à cidade, onde se perpetuaram. Homero Costa afirma que, já no início do século passado, eles eram bastante animados por ocasião da festa do Rosário, e rivalizavam, na preferência popular, com os circos de cavalinhos.

Sustenta-se, realmente, que o som do congado aqui ecoou antes nas fazendas, como expressão de fé dos escravos. Seu ritual representa o culto aos antepassados. Proibidos de expressar a própria religiosidade, tida como manifestação de atraso ou feitiçaria, reelaboraram, na expressão da musicóloga Glaucia Lucas, valores alheios a sua concepção de mundo, dando conformação própria ao catolicismo. Festejavam a seu modo alguns santos, em cujas datas lhes era permitido dançar e cantar, coroar reis e rainhas. Embora, conforme a mesma autora, tal permissão fosse um artifício do Estado e da Igreja para controle dos cativos, propiciava, ao mesmo tempo, que vivenciassem aspectos da cultura nativa. Louvavam principalmente São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário. Estranharão alguns o fato de os negros serem mais ligados a esta invocação que à de Nossa Senhora Aparecida, sob cujo orago foi posta nossa pátria e representada com a pele escura como a deles. Explica-se: seu culto é relativamente recente - teve início em 1.717 - enquanto o da outra já era difundido pelos dominicanos no início do século XIII. Os portugueses levaram a devoção à Virgem do Rosário à África, a fim de promover a evangelização dos gentios, antes mesmo de estes serem trazidos para cá. Em 1.640 ela foi declarada padroeira dos escravos do Brasil colonial.

Então é bem mais velho nosso congado. E daí? Vale o acontecimento, a ocasião para a homenagem. Já tivemos um precedente, no centenário comemorado em 1.957, que era apenas o da freguesia, mas que, por sugestão do padre Ildefonso Sigrist ao prefeito Lúcio Vieira, ficou sendo o da cidade, nos trouxe verbas estaduais e foi motivo para grande gáudio e patriotismo. Também agora aproveitemos a simples anotação de outro padre para fazer uma festa diferenciada, que nos encha de orgulho, mostre nosso folclore a muita gente e honre o Santo, que ele merece.

ROUBO

O mastro, as fitas - o espanto: afanaram a bandeira! Impossível de acreditar. Uma imagem linda de São Benedito, menino no colo, terço e flores na sotaina, luminosidades circundantes, recentemente pintada pela melhor artista da cidade, com franjas douradas, no maior capricho... Pagara por ela um despropósito - quase meio salário - para substituir a outra, já velhinha, ainda dos tempos do primeiro capitão, respeitosamente cremada sob ordem do vigário, cujas cinzas espalhara em redor da igreja. Nem havia ainda tido tempo de mandar benzê-la, e já puseram criminosas mãos sobre ela. Pasma, garrou a procurar suspeitos: Joaquim não, que era do terno do Rosário; Tiaõzinho, excluído por ser do de Santa Ifigênia; Alcides, embora sacripanta, não teria coragem para o malfeito. Repassou um por um os demais grupos, imaginando quem neles teria a desfaçatez de apoderar-se do adorno. Não queria fazer mau juízo, porém listou ao menos meia dúzia de safados. Mas como, depois, levantar aos céus o produto do furto sem denunciar-se? Não atinava. Só se fosse gente de outra cidade. Lamentou-se, chorou, e foi desafogar a mágoa no fundo do quintal. Chutou raivoso um montinho de terra e - sacrilégio - encontrou enterrada nele a preciosidade, toda suja de cocô.

VELHA EXPUTA

Era a mais bonita da turma. Sempre requestada, acostumara-se a ter com facilidade tudo o que desejava. As amigas empregavam-se no comércio ou como domésticas. Ela desdenhava: não nasci para ter patrão ou cumprir horário. Caiu na vida. Na festa, as outras montavam barraca, vendiam pastéis. Ela rodava a bolsinha. De noite, em casa alugada, com alpendre de luz vermelha, punha-se à janela, a blusa desabotoada, insinuante. As colegas mudavam de calçada para evitá-la e diziam: que descaramento! Zombava: o que faturei numa noite elas não ganham em vinte dias... Não entrava na igreja, não acompanhava procissão; ria das congadeiras e circulava entre os ambulantes. Finda a festa, as demais voltavam ao batente usual; ela pegava um táxi e fazia o circuito noutras cidades. A cada agosto voltava com novo dente de ouro.

Os anos passaram, perdeu o viço. Os costumes mudaram, a sociedade ficou tolerante, ninguém mais precisava pagar para ter o que ela oferecia. Seus fregueses sumiram. Trocou o táxi pelo ônibus, a casa alugada pelos cantos de muro. Desfez-se aos poucos do único patrimônio que amealhara: a boca dourada. Foi deixando de pecar, por falta de opção. Beatificou-se e frequentava o culto escondida sob véu escuro. As antigas colegas amigaram-se com barraqueiros, e fugia delas mudando de calçada, a resmungar sem dentes: que descaramento!

TRADIÇÃO

"Deus muda?" - pergunta que dispensa resposta. As três irmãs, já velhinhas, não aceitavam as modernidades do culto. Acostumaram-se a ouvir missa com o sacerdote de costas para o povo, num latinório arrevezado que não entendiam mas sentiam. Apesar da idade, jejuavam nos dias santos, nada comiam três horas antes de receber a hóstia, em que jamais punham a mão. Padre sem batina? - que desrespeito... Na quaresma queriam as imagens enroladas, incenso, matraca ressoando, compunção total. Filiadas à Irmandade de São Benedito, nunca se conformaram com seu término (essas loucuras de concílio!). Na festa, acompanhavam a procissão, mas não a consideravam completa sem as tradicionais capas roxas, que mantinham zelosamente dobradas e perfumadas na gaveta da cômoda. Como seu uso passasse a ser objeto de troça, deixavam-nas lá, contrafeitas. Todavia, altas horas, devidamente paramentadas, refaziam o trajeto, carregando num andorzinho improvisado a estatueta que lhes abençoava a cozinha.

RABO DA MULINHA

Catita, segurando a fita, volteava a bandeira do terno. O fardamento claro, em cada gingado, lhe realçava a pele morena, entremostrada na dança. Os olhos dele - esconjuro - não se dirigiam ao pretinho lá em cima, mas aos dela, da mesma cor, e nunca se cruzavam. O corpo lindo, no remelexo, despertava desejos ao louvar o Santo. Tentou aproximar-se, mas foi contido pelo apito severo do capitão. Frustrou-se. Não era do congo, não era da corte, não era da guarda. Não tinha espaço nas belezuras. Sobrara-lhe o o papel anônimo, secundário, escondido, de traseiro da mulinha. Súbito, um estalo de júbilo. O guia imiscuiu-se na ala das passistas, e acompanhando-o - suprema glória - levemente roçou aquelas ancas. Relinchou feliz.

CRUZEIRO

O cruzeiro da igreja estava ali desde que se conhecia por gente. Alto, madeira de lei, nos braços a escadinha, ferramentas criminosas e a inscrição debochante. Quem o fizera e o levantara? - não sabia. Nas últimas festas sempre recebera uma pinturinha nova e lâmpadas coloridas, para animar o ambiente. Não era, por certo, o primeiro lá fincado. Outros, mais toscos, em frente da capelinha primitiva, deviam ter sido postos, talvez por escravos, e ruído, de podridão ou cupins. O seu era aquele. Na infância, servira para marcar o pique, nas brincadeiras com a molecada. Anos depois, fizeram em redor dele um canteirinho e, sentado em sua borda, paquerava as mocinhas. Tornou-se o ponto em que conversava com os amigos, via a vida passar e relembrava os tempos idos. Congadeiros morriam e, acompanhando o cortejo, lá ficava até sair da igreja, pois não gostava de ver encomendação de corpo. Com o canivete de picar fumo fazia um talho no pé da cruz, assinalando cada qual partido. Um a um no campo santo, golpe sobre golpe naquela. O pau aluiu. O velho congadeiro, alquebrado, desferiu mais outro, exclamando: "este é o meu". Caíram os dois.

TEMORES

Nos remotos tempos de eu-menino, a festa, cheia de luzes e alegria, trazia-me também algumas inquietações. Vamos a elas.

Começo pela narrativa, sempre mal feita, de excomunhões por causa da disputa judicial sobre a capela, cujo alcance eu não entendia, e que, no imaginário de criança, apartando alguns do seio da Igreja, faria com que ardessem para sempre no quinto dos infernos.

Outro evento que me impressionava, assinalado em cada programa anual, era a cantiga pelos congadeiros mortos, na cerimônia da descida do mastro. Supunha ali as almas de todos os já partidos, esperando pelos que deles se lembravam.

As espadas desembainhadas da guarda, se não chegavam a atemorizar-me, evocavam a possibilidade de contendias na defesa da corte real.

Sabendo embora que era tudo brincadeira, assustavam-me às vezes a investida do boi e os coices simulados da mulinha.

A bugrinha dos caiapós, que corria atrás das crianças, era também causa de desconforto e preocupação para mim.

Das atrações vindas de fora, lembro duas que realmente me amedrontaram. Primeiro, a cabeça de uma índia, suspensa no ar, apartada do corpo, falando com os presentes. Cheguei a perder o sono por sua causa, apesar de me explicarem que "a coisa" era apenas um jogo de espelhos. Por fim, o homem-macaco vivo: o indivíduo, preso numa jaula, se transformava em gorila entre estrondos e jatos de fumaça. Até hoje ignoro como se dava o truque, cujo ator, Eduardo dos Santos, ficou morando em Machado por algum tempo, a serviço da Escola Profissional La Salle.

PADRE VELHO, PADRE MOÇO

Chegara quando o arraial não tinha mais que umas três vielas, escorridas sem simetria do alto do morro. Ninguém o aceitava - "a espórtula mal dá para comer", diziam. Foi morar numa meia-água em abandono, cedida por fazendeiro que a usara para guardar sacos de milho. Improvisou na frente um altazinho, onde dizia missa, batizava, casava os amigos. Sobrevivia com verduras que ele mesmo plantava, às vezes um cuietê de feijão, uma caneca de arroz, franguinho nos fins-de-ano. Com ajuda de fiéis, levantou um cruzeiro tosco. Em volta dele, descendentes de escravos começaram a dançar congo. Animação não faltava, e se formou festa em louvor de São Benedito. Apareceram forasteiros, mascates, mulheres-da-vida. Na quermesse, depois do terço, havia leilão de prendas - cartuchos de doce, quartos de leitoa, bezerros. Tirava-se o "barato", com o qual, depois de muitos anos, foi levantada uma igreja. Cresceu a renda, e o velho padre deixava que os festeiros decidissem seu destino: ajudar os pobres, comprar imagens, fardar ternos. Olhar gordo se abriu. Exigida a parte do bispo, explicou que não punha a mão no dinheiro. Uma semana depois apareceu padre novo, apresentando-lhe ordem de transferência. "Deus o abençoe", disse o velho, e ali mesmo caiu sem vida.

CAÇADA

"Bichano, bichano"... Noite alta, saco de estopa nas costas, saía espalhando muxiba pelas esquinas, a fim de atrair vítimas com dupla finalidade: couro para os tamborins do terno e carne para o churrasquinho da barraca. Seria pecado? Se a festa fosse de São Francisco vá lá, mas São Benedito era cozinheiro... A esfolagem dava no sítio do cunhado, com quem morava após separar-se da família, por conta de cachaçada e vagabundagem. O local era propício: não despertava suspeitas, ninguém via a secagem, e as cabeças, patas e rabos supriam a ceia, onde passava a maior parte do tempo. Sempre arranjava uns bicos, com que se mantinha e fazia agrado às crianças, sustentadas pela ex-mulher com lavagem de roupa. Não tinha remorsos, e até se considerava um bom pai. Naquele dia levou doces à caçulinha de estimação, mas a encontrou aos prantos: "papai, meu gatinho sumiu...".

ROMEU E JULIETA

Os dois ternos mais antigos não se misturavam. Coisa dos tempos do cativo, ninguém sabia explicar direito o motivo. Também já não tinha importância. Cada um pro seu lado, e pronto. Quando um dançava, o outro arredava o pé. Por interferência de certo vigário, se combinou que na procissão e no reinado um seguia na frente e outro na rabeira, mudando as posições cada ano. Festa noutra cidade, escolhessem o convidado, que juntos não iam. Nos particulares também a coisa era meio delimitada. Membros do primeiro moravam prá cima; do segundo, prá baixo. Aqueles trabalhavam nas fábricas e no comércio; estes, na construção ou na roça. Casavam ou se amigavam com os seus. Tudo separado sem ajuste, mas de validade respeitada. Se seguia nesses conformes, até que o filho de um capitão se engraçou pela filha do outro. Coincidência da vida, foram estudar na mesma classe, e os olhares se cruzaram: funcionou. Medo do falatório houve, mas a atração falou mais alto. Escondidos: no cinema, no beco, nos escuros. De repente, o susto - seus pais juntos e sorridentes: "safadinhos, pensam que nós nascemos ontem?".

COSTUREIRA

Setenta, oitenta anos? Ignorava já quando aprendera a costurar as fardas do terno. A avó lhe punha nas mãozinhas ainda trêmulas a tesoura enferrujada, prá cortar o pano colorido. Muito cuidado com a agulha, a fim de dar os pontos, pregar os botões, fazer os arremates. Naquele tempo, pouca gente, logo a tarefa estava pronta. Não era obrigação - quase uma brincadeira. O que sobrava ia para uma caixa, guardada em cima do armário. Seu gosto, depois, era colocar os retalhos em ordem sobre a mesa, e ir contando: "este aqui foi da festa na Grama; aquele, na Santa Cruz; o outro, da primeira na praça; aquele lá, quando eu saí de rainha...". A família conhecia de trás prá frente os relatos, sempre repetidos. Com o tempo, os tecidos ficaram desbotados, as lembranças, confusas, e começou a embaralhar as coisas. Ninguém ligava - aliás, ninguém dava importância ao que ela dizia. Mas a rotina era a mesma. Quando vinha alguém de fora, logo explicavam: "a velha está caducando com os seus trapinhos".

GALANTEIO

"Será que ela vem?", perguntava ansioso, o coração aos pulos. Em verdade, sabia de todos os seus costumes. Nas sextas-feiras, invariavelmente às sete e meia, estava sentadinha à porta de casa, esperando a melhor amiga, que morava mais em baixo e lhe fazia companhia no fútingue da festa até as dez horas. Seria capaz de adivinhar a roupa com que apareceria hoje, linda de morrer, despertando paixões na molecada toda. Desta vez porém, armado de coragem que sequer suspeitava ter, não daria chance aos outros. Mandara o Maurinho tocar no alto-falante às oito a música de que ela mais gostava, com a frase habitual: "alguém oferece a alguém, e este alguém sabe quem". Estaria então a sua espera, encostado na barraca das argolas, para as três piscadas habituais, indicativas de que era o tal. Nas mãos, suadas apesar do frio, o correio-elegante que lhe passaria em seguida: "te aguardo às nove junto do cruzeiro - o alguém das piscadinhas". Tudo dentro do previsto, surgiu encantadora, e seus olhares não se cruzaram. Conseguiu apenas recolher da amiga um sorriso desenxabido. Não morreram as esperanças: haveria outra volta. Aí, a buzina fatal - ela desprende-se da parceira e entrou no carro do pai de um pulha, cinco anos mais velho, que nem carta tinha. Perdeu o chão: caminhando a esmo, amassou no bolso a mensagem e, sentado na escadaria da igreja, comeu entre lágrimas a maçã-do-amor que lhe comprara.

DUAS SENHORAS

Onze da noite. São Benedito, polidamente, dirigiu-se às duas: "É hora de fechar a capela. Santa Ifigênia já se recolheu, e só temos outro nicho destinado a senhoras. Uma, por favor, deverá retirar-se."

Aparecida e Rosário entreolharam-se. Aquela falou primeiro: "Aqui se celebra uma festa predominantemente de negros, como eu, e, além disso, sou padroeira do País. Penso ter o direito de ficar."

Rosário retrucou: "Embora branca, sou mais antiga, cultuada já no século XIII, e desde 1.640 protejo os escravos do Brasil colonial. O lugar há de ser meu."

Aparecida ainda sustentou: "A escravidão está extinta, e, como fui retirada das águas, se sair agora posso resfriar-me."

São Benedito coçou a calva e, diante do impasse, pediu ajuda ao Senhor. Este sentenciou: "Como no coração de mãe cabe mais de um filho, na casa do filho existe espaço para duas mães, mesmo sendo ambas uma só. Fiquem. Cedo-lhes o meu lugar, que é maior. São Benedito, cerre a porta e apague a luz."

VIDA MIÚDA

Fora nascido e criado ali mesmo, num sitinho à beira da cidade. Esteve na escola dois anos, mas largou o estudo para ajudar o pai na lida: plantavam milho, um pouco de feijão, verduras; criavam porcos, dois ou três garrotes e a galinhada que vivia solta. Na festa montavam barraca, onde a mãe vendia biscoito fofo com pernil, torresmo, ovos. Negociava, mas não tinha interesse no resto - congo, reinado, ambulantes. De religião não cuidava, e sequer conhecia a capela por dentro. O pai morreu de repente, quando tinha quinze ou dezesseis anos, e assumiu o controle da família. Se amigou com a filha de um vizinho, que era seca e não lhe deu descendência. Nem vício nenhum não tinha: seu único gosto era escutar moda de viola no radinho de pilha. E assim seguia a vida, sem novidade e sem pretensões. Doença, às vezes uma dor no peito, a que não dava importância. De pouca conversa, soube por alto que o vigário novo tinha feito reforma na casa de Deus, uma belezura. Por insistências, entrou prá ver. Não lhe despertaram atenção o teto iluminado, o altar de mármore, piso novo - seus olhos grudaram no semblante manso do santo preto, imagem antiga que nem se sabia de quando, e lhe deu uma gastura, um aperto, sei lá o quê, convidando a se persignar, beijar a fita que lhe escorria das mãos, rezar devagarinho uma reza oca, sem motivo.

ZIRIGUIDUM

No tempo da escola de samba, era a passista mais cobiçada. Ao embalo de sua ginga lasciva, qualquer mestre-sala errava o passo. Na festa, saracoteando entre fitas da bandeira, mostrava as qualidades com tanta desenvoltura que o sacristão fazia sinal-da-cruz. Aquele ano, porém, precisava de uns trocados, e resolveu tomar tenência: empregou-se na cozinha da barraca. Nada de dança - juízo. Mão na massa. Não deu. De repente, o repicar dos tambores. Passou seu terno, quis ficar quieta, mas não resistiu. Veio-lhe uma quentura pelas pernas, juntou de jeito o garçonzinho e - viva São Benedito! Mais tarde, com desconsolo, o barraqueiro escreveu a giz na tabuleta: "pastel de pernil e biscoito fofo com fubá".

PLATAFORMA ELEITORAL

Queria sair candidato. Precisava de uma proposta de impacto. Matutou, matutou, até achar: mudaria a festa para janeiro. Justificava: no inverno já tem muita gente passando frio por causa dela, em Cordislândia, Espírito Santo do Dourado... Judiação, os congadeiros daqui irem e voltarem de madrugada, prá dançar fora. O eleitorado velho vai gostar de sair no sereno sem medo de pneumonia. As pessoas na rua até tarde se divertem mais, gastam mais, e todos ganham. A festança dos empregados na lavoura de café não atrapalha a colheita; os fazendeiros já venderam seu produto e têm bastante dinheiro para consumir. Cerveja dobra. Em vez de capotes, shortinhos. Todo mundo meio pelado e assanhado. A negrada no batuque, a moçada no agarra, as farmácias venderão muito desodorante e camisinha. Com a chuva, não serão necessários caminhões-pipa para tirar a poeira das ruas e o cheiro de mijo das paredes - que economia de água! Enfim, grande idéia, eleição garantida. Desanimou ao ouvir a objeção da mulher: "benzinho, janeiro não. Janeiro nós vamos prá casa da mamãe".

SOMESBE

Quando saiu da Gramma mais prá cima, o congo foi dançar em roda de um cruzeiro fincado no cocoruto do pasto, à margem da estrada, num malhador onde se juntavam de noite cabeças de gado. Por perto lepravam três ou quatro casebres - nunca que aquilo podia ter o nome de pracinha. Dois trilhos lhe davam acesso, e ao lado deles, com os anos, se levantaram outras moradias. Com muito esforço, surgiu pobre capela que não terminava nunca - bastava para a missa, sobre o pequeno altar, a estatueta de São Benedito. Ele protegia a alegria simples, crescendo ali festa ornada com ramos de bambu e bandeiras de papel. Apareceu insignificante comércio - barraqueiros, mascates, mulheres-da-vida. Estas o padre detestava, mas não tinha como afastá-las. As pessoas direitas abominavam sua vizinhança, e escreviam em frente dos lares - "casa de família" - para evitar confusão com os das mariposas, que usavam lâmpadas vermelhas. O tempo passou, o arraial cresceu. Mesmo com o dinheiro curto,urgia terminar a igrejinha para a visita do bispo, que se anunciava próxima. O representante de Deus pedia, mas no cofre só apareciam trocados, além de polpudo envelope com a inscrição "Somesbe". À espreita, descobriu que ele era posto por uma daquelas senhoras que seguiam a procissão na rabeira, os rostos protegidos por escuros véus. Conclamou os fiéis: "se a Somesbe pode, vocês também hão de poder; peço que uma das devotas dela se adiante, se identifique e explique como obter a abençoada quantia". Relutante, veio uma de trás, descobriu-se e esclareceu vexada: "Somesbe é a Sociedade das Meretrizes de São Benedito".

SACRISTÃO

Desde bem pequeno ajudava nas celebrações da capela pobre. Durante a missa, mudo, porque, sem paciência de ensinar-lhe a parte do coroinha, o próprio padre falava e respondia num latinório enrolado. À elevação da hóstia e do cálice, por falta de campainha, usava uma colher para sinalizar com três pancadas em garrafa vazia. Duas coisas o incomodavam nas tarefas sacras. A primeira era quando, ao passar por lá enterro, cismavam de abrir o caixão para que o corpo fosse encomendado - detestava ver cara de defunto. Outra, o terço no meio da semana: entendia ser seu o direito de puxar a reza, e não daquela velha entojada de capa roxa. Já crescido, sua maior alegria foi receber do sacerdote, sempre em viagem, a chave do templo - passou a zelador. Abria, fechava, varria, lavava, recolhia as esmolas do cofre. Pena não tivessem sino, como na matriz, para os avisos habituais. Conhecia de ouvido todos os toques, e poderia repeti-los. Mas, sem acanhamento, circulava pela pracinha, anunciando: missa das oito... missa das dez... enterro de homem... enterro de mulher... enterro de anjinho... Seu consolo era a quaresma. Batendo matraca que ele mesmo fabricara, sentia-se o melhor sacristão do mundo.

ESPIONAGEM

"Cambada de sem-vergonhas, sem imaginação. Não têm idéia, só sabem copiar. Com essa gente todo cuidado é pouco". Assim o capitão reunia o estado-maior - não mais que meia dúzia dos congadeiros antigos, de inteira confiança, para discutir os detalhes do fardamento do ano (tecido, desenhos) e as modas que seriam cantadas. No maior segredo, debaixo de juramento a São Benedito e à Senhora do Rosário, para que a coisa não se espalhasse. Mesmo os outros do terno só ficavam sabendo do resolvido na hora de tirar as medidas e fazer os ensaios, devidamente avisados da consequência de dar com a língua nos dentes. Dia de ir a São Paulo comprar o pano, espalhava boato para despistar: "pai está doente, vai ao médico". No ônibus, cautela com aquele sujeito de boné e óculos escuros - só pegava o rumo depois que ele se afastasse. A volta, de noite, no maior segredo. Entregues os fardos na costureira, também devidamente juramentada, ia lá um de cada vez, a fim de não levantar suspeita. Tudo certo, que beleza, vai ser de arrepiar! - "Pai, pai, corre aqui... vem ver na internet um modelo de farda igualzinho ao seu..."

O GUARDA DO MASTRO

Sentado á porta da igreja, lembrava as ocasiões que mais lhe tinham dado friagem na barriga: o começo do namoro; o primeiro dia no emprego; o casório; o nascimento do filho... Não, nada se comparava à em que recebera a incumbência de guardar o mastro de São Benedito. Baque, bobeira? - não: bestificado de alegria, o coração saltando no peito. Custou a entender honra tão grande. No vagar, assumiu-se. Morava numa casinha humilde, de três cômodos, em que ele só cabia atravessado, rente ao forro. Assim, não. Aumentou-a, furou paredes, comprou tábuas, fez estante forrada para mantê-lo com toda dignidade. Era o seu altar. Não entrava nem saía sem acarinhá-lo, agradecer a convivência e pedir proteção. A festa, mesmo, mudou de significado. No início dela, quando todos se alegravam, pesava-lhe entregá-lo para que fosse levantado na praça. Nos dias seguintes ficava rente, a impedir que o profanassem. No final, exultava com o canto de despedida, a melancolia do adeus - ele voltaria ao seu regaço. Recebia-o na maior animação, causando até espanto aos congadeiros que o devolviam. Quando a dos outros acabava, é que sua festa tinha começo. Antes de recolocá-lo no lugar, uma lixadinha, um remédio contra cupins, verniz para brilho. As imagens do padroeiro, na extremidade, dispensavam tantos cuidados, porque substituídas a cada ano. Mesmo assim, guardava-as religiosamente numa caixa, sem jamais pensar em incinerá-las.

Os anos passaram, e o mastro, exposto ao tempo por tantas festas, deu sinais de desgaste, apesar de bem cuidado: empenou, ressecou, apresentou rachaduras. O velho guarda, também já cansado, convenceu-se de que ambos teriam de ser substituídos. Plantou no quintal vários pés de eucalipto, que regava com lágrimas. Quando o mais bonito atingiu a altura necessária, serrou-o, preparou-o e o pôs na prateleira do mastro. Este foi cortado e disposto em cruz na sala. Deitou-se em cima e, no dia da subida, lá o encontraram com o pedido: levem-me assim ao campo santo.

ALVORADA

No correr, até quase que desencucava. Mas o princípio, alegria maior dos outros, virara temor e quase obsessão. Será a minha derradeira? Que lindeza tinham sido as alvoradas de mocinho, na maior animação, soltando foguete e batendo caixa, prenúncio de encontros, amores e devoção... E nunca se decepcionara: a festa foi tudo de bom na sua vida de apertos. Com o passar do tempo, alquebrado, já não tinha forças para sair de madrugada e saudar o advento de mais uma. Ficava na cama sem dormir, maldizendo dos jovens a algazarra que um dia fizera, não porque agora preferisse o silêncio, mas porque ela lhe lembrava que sua hora havia passado, que estava cada vez mais perto de parar de ouvi-la. Enterrava a cabeça no travesseiro, rezava e pedia a São Benedito para não conhecê-lo pessoalmente ainda. Após o impacto, suspirava aliviado - não foi dessa vez... Calmo aos poucos, divertia-se nas limitações que a idade impunha. Certo ano, não aguentou a espera: foi numa quinta.

PASTORAL DO EXCLUÍDO

Ali, num canto escuro da praça, com fedor de droga e mijo:
Ali, bem distante da capela, recentemente reformada e
poucas vezes aberta;
Ali, sem santo, sem corte, sem congo;
Ali, sem padre, sem novena e procissão;
Ali, sem som, sem festa, sem barracas;
Ali, sem leilão, sem lista, sem bingo, sem sorteio;
Ali, sem chope, sem pastel, sem biscoito, sem pernil;
Ali, quem sabe, um dia, um terno.

BUGRINHA

Com um pano na cabeça,
De saiote ou de calção,
Corro atrás de todo mundo,
Vou flechar teu coração.

Minha pele está pintada,
O meu arco está em riste;
Eu só finjo que te pego -
Não consigo: tu fugiste.

Eu assusto a criançada
E alegro muita gente;
Não sou feroz, sou alegre,
Estou aqui bem contente.

De Machado ou de Campestre,
Cunhatã ou curumim,
Não importa - de bom grado
Prá festar é que eu vim.

Meu pajé ama Tupã
E a tribo segue o rito;
Com brincadeiras dançando
Eu louvo São Benedito.

A ninguém falo meu nome
E não solto a minha voz;
Eu sou apenas bugrinha,
Bugrinha dos caiapós.

FIM DE FESTA

Desce o mastro, baixa a tenda.
Barraqueiro, peito opresso,
Pega o rastro de outra senda
Na certeza do regresso.

O padre fecha a igreja.
Sem barulho, acaba a graça.
O gari água despeja,
Do entulho limpa a praça.

O sacristão guarda o santo,
O capitão cala o terno.
O ancião veste o manto,
Sente de novo o inverno.

Rei perpétuo deixa o posto,
Sua corte se desfez;
Próximo ano, com gosto,
Bota a coroa outra vez.

Congadeiro, enfim, descansa.
Finda a festa na cidade.
Do romeiro, a lembrança;
O que resta é só saudade.

ALEIJADINHO

Desde bem novo tinha as pernas mirradas, por conta de paralisia. Muleta cara, o pai mandou que se virasse com cabo de vassoura. Cresceu aleijadinho. Futebol, correria, até que quase nem se importava. Mas o congo lhe enchia os olhos de choro manso, vontade de sair enfileirado, batendo caixa como os outros moleques. Consolava-se ajudando nos preparativos. Virou mascote. O capitão, gente boa, lhe arrumou farda e instrumento. Como levá-lo? Pensa aqui, pergunta ali, o santo deu inspiração. Fizeram-lhe um andorzinho, que quatro filhos de Deus carregavam no revezamento. Com franjas, bandeirolas, e ele em cima, feliz como nunca, louvando e cantando.

TIMIDEZ

Feioso, desengonçado, Floriano a princípio evitava a festa de São Benedito. Não que abominasse os folguedos, muito pelo contrário. Adorava o congo, suas fardas coloridas, o som dos instrumentos, o gingado - até músicas sabia de cor. Em casa, escondido, imitava tudo. Mas, cadê coragem de alistar-se num terno, tocar, dançar? Sem jeito, só pensava no que os outros diriam. E o fútingue, então? Sequer arrumava um amigo para caminhar a esmo, olhar as meninas, dar piscadinhas. Muito menos tentava chegar em alguma. Certa hora, o estalo: seria seu próprio paquera. Envergonhado, dirigiu-se ao estúdio e encomendou música com dedicatória: "alguém oferece ao Floriano, com muito amor e carinho, e o espera ao pé do mastro". Em seguida, ficou bastante tempo no local que marcara, procurando ver se era notado. Nada. Sem ânimo, passou a si mesmo correio elegante e, em ponto bem visível, aguardou que reparassem na entrega. Ela ocorreu sem que ninguém desse bola. Por fim, comprou uma maçã do amor e, encostado na porta da igreja, devorou-a chorando.

SINCRETISMO

"Deus tem muitas moradas, não se mostra do mesmo jeito em cada uma, e nos aceita em todas". Era assim, sorriso largo, que o preto velho, devoto de São Benedito e dançador de congo, explicava por que, acabada a festa, frequentava um terreiro em vez de ouvir missa. "Rezar eu rezo, o lugar não importa", completava. Os amigos viam seu jeito sem censura - felizmente o tempo da intolerância passara - embora um ou outro ainda estranhasse. E assim tocava a vida, um pé cá outro lá, uma vela pro santo outra pro orixá. Os anos passaram, sua trajetória findou. Atabaques soaram em despedida, preces foram feitas pelo descanso. Nova festa chegou, a saudade ainda doía nos companheiros. O terno resolveu fazer derradeira homenagem, e passou em silêncio diante da casa dele. Aí, o espanto: a filha, olhos arregalados, arrancou a violinha da parede, foi pro meio da rua e, contorcendo-se, voz alterada, gritou entre as alas: "o que é isso, gente, nada de tristeza, a louvação continua - viva o nosso padroeiro!".

BANDEIREIRA

Já passadona, sem esperança de arrumar casório, sonhava carregar a bandeira do terno, vestido branco comprido, como que noiva do santo. Via-se o centro das atenções, as outras dançando em roda, a puxar cortejo, triunfante. Tanto pelejou que conseguiu o posto. A feitura da roupa, um encantamento. Gastou as economias no melhor tecido, foi à modista mais careira, examinou figurinos, escolheu modelo. Provas e provas, não desgrudava do espelho, atenta aos mínimos detalhes. Antes do reinado, horas se emperiquitando e, por fim, saiu à rua para o lugar de destaque. Segurando fitas, saias curtinhas, as passistas gingavam em volta, mostrando os dotes da mocidade. Em pouco tempo, a decepção: todos os olhares eram para elas, e quem queria comandar o espetáculo não passava de um fantasma sem atrativos. Em casa, amargando a realidade, amassou a vestimenta sem conter o choro. Não se deu por vencida. No ano seguinte, nova tentativa: foi ao capitão e pediu para sair como as outras. Veio o balde de água fria - você não tem mais idade...

CAPITÃO

Eu quero ser capitão
De um terno bem formado
Prá dançar muito congado
Com capricho e perfeição.

Meu grupo será pequeno,
Sem bagunça, sem relaxo;
Ninguém alegue cansaço
Ou vai dormir no sereno.

Exijo a farda limpa,
Completinha, toda igual.
Não tente bancar o tal
Que o conjunto é que é supimpa.

Instrumentos afinados,
Coreografia correta.
Encantar é nossa meta,
Da festa somos soldados.

Cante a moda até que acabe,
Solte a voz, não poupe a goela;
Não desafine, que ela
É reza em dobro, se sabe.

Não chegue de cara cheia,
Não atrase, evite briga;
Não dê trela para a intriga
Que a coisa fica feia.

Depois da apresentação
No nosso arranchamento
Haverá divertimento. -
Mas primeiro a devoção.

"Viva o Santo!" - será o berro.
De comida, a mesa inteira.
Sem desprezar a Limeira
Porque ninguém é de ferro.

CRENTINHO

- "Mãe, 'xeu ir, só um cadinho"?
- "Arrenego, guri, tás possuído? Isso é coisa de Satanás! Só se louva a Deus, tu sabe muito bem. Não se pode adorar ídolos, e pronto".
- "Nem num é prá mó de o santo, só queria dançar, bater caixa, fardado multicolor...".
- "Não, não e não! Foste criado nas virtudes, e hás de perseverar. Nem pensa mais nisso, que o Senhor te pune".

Inútil insistir, ela estava certa. Mas que seria bom, seria... "Por que nós num tem uma coisa meio assim? Mesmo sem imagem, andor, bandeira, essas lindezas do cujo prá enganar os outros? Temos cantoria, marcha, mas não é a mesma coisa, aquela felicidade descabente no peito. Deve mesmo de ser tentação...".

O moleque, olho fechado, tapava os ouvidos para não sentir mais nada, rogando em prece insincera perdão pelo mau desejo. Devagarinho, porém, o maligno se insinuava, e sem querer se via congadeiro, a festar sabe lá como um pecaminoso. Esconjuro, esconjuro... Nesse vai-e-vem, pedia que acabasse logo o tempo da maldita, para poder voltar às certezas contidas e sombrias. Orava e orava, buscando força na palavra escrita, que não tem erro. Tantas fez que deparou com versículo aparentemente salvador: "*enquanto ainda és jovem, entrega teu coração à alegria; anda nos caminhos de teu coração e segundo os olhares de teus olhos*". Aí - mãe que desculpe - saiu atrás do terno, contente da vida, livre do divinal castigo.

ALICIAMENTO

Dada notícia da tenção de formar terno, só lhe aparecia vagabundo sem préstimo, querendo comer e beber no arranchamento. Instrumentista de primeira, bom de dança, cantador, qual o quê... Todos os de serventia já eram comprometidos, e deles os capitães não abriam mão. Para começar do zero, com frangotes, carecia de vocação - aprendizado tomava tempo, mais paciência e perseverança. Amante do futebol, resolveu, no embalo de suas regras, comprar os passes dos congadeiros: "quanto quer prá largar fulano e vir tocar comigo"? Duzentinho aqui, trezentos acolá - verba da Prefeitura, é claro - foi formando a companhia. Os outros se remoíam de raiva, mas nada podiam fazer. Nada? Um resolveu dar o troco. Trouxe malandro de fora, com trombone novinho em folha, e espalhou que era o melhor tocante, de fazer inveja a qualquer um. Distribuiu gravações piratas de lindos solos, como se fossem dele, e fez chegar uma ao contratador. Este, devagarinho, se aproximou do estranho, que, soberbo, disse só ter vindo para atender a pedido de amigo, com o qual fizera trato. O sujeito não desistiu: "pago bem para ter você no meu grupo". "Quanto"? - fingiu interesse. Recusou a proposta: "por menos de dois salários não tem conversa". O espertalhão relutou, mas, fiado em ajuda alheia, cedeu. "Pagamento já, que preciso fazer agrado a quem me buscou, com desculpa pelo cano". "Vá lá". Incorporou-se, fardamento gratuito e sem ensaio - "sou formado em conservatório". No dia da apresentação, com passos de fox-trote, deu uma baita desafinada e correu a mamar no seu barrigudinho. O pagante ouviu risada pelas costas: "tamos vingados".

SOLIDÃO

Difícil de acreditar, mas já tinha sido moço, quase que bem apessoado. Trabalhador, responsável. Sem tempo e dinheiro para o estudo, deu duro como braçal, a fim de sustentar os pais e os irmãos caçulas. Enterrou aqueles, casou estes, e ficou só numa meia-água, depois de repartido o terreninho da família. Ainda assim, volta e meia ajudava os sobrinhos, que logo se distanciaram. Companhia nunca teve. Nem beber bebia; sua única distração era dançar congo para São Benedito. Com o tempo, perrengue, meio cego, não saía mais. Cozinhava o seu feijãozinho, escutava um rádio de pilha, e alisava, com lágrimas, fardas desbotadas de antigas festas. Morreu sem saber do quê. Ninguém lhe ouviu os ais, se é que os soltou. Dias depois, incomodados com o mau cheiro e os latidos insistentes de um cachorro, vizinhos espiaram pela janela e viram o corpo caído junto à imagem do padroeiro. Chamaram parentes. Contrafeitos vieram dois, mão no nariz, exclamando indignados: "que nojo, como é que podia o sujeito morar numa espelunca dessas"?

O OUTRO

Poucos sabem, mas o negro de nossa devoção não é o único São Benedito reconhecido pela Igreja Católica. Foi por isso, talvez, que o bispo de Douradinho, Dom Francisco de Paula e Silva, ao escrever-lhe a biografia, intitulou-a "*Vida de São Benedito, o Preto*".

São Benedito José Labre era branco, e nasceu em Amettes, na França, em março de 1.748. Primogênito numa família camponesa de quinze irmãos, tentou ingressar em vários mosteiros, mas não foi aceito por causa da saúde frágil. Aos 22 anos decidiu tornar-se peregrino e mendigo. Carregava apenas um crucifixo, um terço, o Novo Testamento, a Imitação de Cristo e o Breviário. Alimentava-se de pão e ervas. Passava as noites ao relento, rezando e meditando. Chegou à capital italiana em 1.770, e misturou-se aos pedintes. Era chamado de "*o vagabundo de Deus*", "*o cigano de Cristo*" e "*o santo dos piolhos*". Sofreu humilhações, maus tratos, e faleceu em condições precárias, na maior falta de higiene, no dia 16 de abril de 1.783. Seus restos mortais encontram-se na igreja de Santa Maria al Monte, em Roma. Foi beatificado por Pio IX, e canonizado por Leão XIII em dezembro de 1.881. É o padroeiro dos homens solteiros, dos rejeitados, dos doentes mentais e dos mendigos.

SIMPATIA

Alvoroço! Foi convidado um terno para apresentar-se em festa na Capital, com todas as despesas pagas, e, de quebra, ainda participar da gravação de disco com famoso artista. Haverá escolha. Qual o vencedor? Formou-se comissão de graúdos, incapazes de distinguir um toque de caixa, de entoar moda, sem o menor gingado. De qualquer forma, necessário capricho. Fardamento nos trinques, instrumentos afinados, ensaio e ensaio. Ninguém apareça de cara cheia! Mais que tudo isso, uma ajudinha do Santo é indispensável. Rezas, promessas, e aquele agrado especial. Vela acesa no oratório, café fresco sem açúcar no copo bem limpo, guloseimas variadas no pires, dignas do melhor cozinheiro. "Será ofensa uma moeda debaixo da imagem? - acho que não... vá lá". Chegou o dia; coração na boca. "Perdemos - não é possível!" "Só se for porque também deixei prá ele um golinho da marvada..."

SAFADEZAS

Rixa mesmo teve muita - com padre, com bispo, móde a chave da capela, a renda da festa, o mando... Teve maldição, gente excomungada, indo embora de desgosto prá nunca mais voltar. Agora eu digo: dinheiro do santo nunca que ninguém pegava, era coisa de respeito. A dança, só por devoção, e prá que acontecesse nos conformes qualquer sacrifício valia a pena. Não tinha isso de verba da prefeitura, muito pelo contrário: num ano até quiseram cobrar imposto dos congadeiros. Depois da panha do café cada qual comprava sua farda, fazia seu instrumento. Hoje é diferente - chega grana na moleza e não se fiscaliza o destino. Tem sujeito aí - não vou dedar - que reforma a casa, compra um terreninho com ela, sem dar a mínima. Nem avermelha a cara. Tudo muito natural, escancarado. A mutreta corre solta, as otoridade sabe e não faz nada. Virou negócio, e dos bons, na maciota, no maior caradurismo.

Até entre nós, acabada a camaradagem, é briga que não tem fim. Capitão rouba gente de outros ternos, quer aparecer mais que o colega. Sai moça quase pelada, sai homem de cara cheia, em total descompostura. Pouco tempo - dá vergonha até lembrar - foi confusão do demo na subida do reinado: um terno querendo abafar o som alheio, tentando chegar à força mais perto do andor, eu nem sei bem por quê... Pancadaria correu solta, chapuletada prá lá e prá cá, parecia encontro de torcidas na saída de campo de futebol, desses que a gente vê na televisão. Enterraram tambor num infeliz, quebraram pau de bandeira na cabeça de outro, nem a polícia deu conta de apartar. É, meu chapa, já chegou o fim dos tempo...

RESPONSABILIDADE

No programa a festa dura quinze dias, mas, deveras, qual o quê! Dois meses antes o capitão não tratava de outra coisa, azaranzado, para baixo e para cima nos preparativos. Primeiro, carecia de ter firmes os dançantes, porque ladrão dos melhores não faltava. Depois, correr na prefeitura atrás de verba, alugar casa para arranchamento, arrumar lanche, escolher farda, comprar pano, tratar com a costureira, consertar instrumentos, ensaiar... coisas e coisas sem fim. Serviço mesmo, para sustento da família, nem lhe passava pela idéia. Um biscatinho vez ou outra, sem compromisso. Ciumento, não deixava lidar fora a patroa reclamante: "o que trazia mal dava para o arroz com feijão e o leite das crianças". A resposta vinha pronta: "não se avexe, mulher, estou trabalhando para o santo, ele proverá". Como provesse bulhufas, e a barriga dos filhos no ronco, ela tratou de economizar para a época do aperto. O marido, desleixado, nem notou que lhe tirava dos bolsos, vez ou outra, algum troquinho. Deu certo. No outro ano, levantamento do mastro com lasanha, reinado com lombo e pastel de fubá. Aí, ele coçou a cabeça e subiu nas tamancas: "despudorada, enquanto eu dou duro na devoção, você arranja um amante para pôr na mesa comida finória"!

NOVA ERA

Nascera já no congado, de violinha na mão... Avô no comando, o pai e os tios nas alas, o terno era só família, com respeito e devoção. A avó levava a bandeira, as primas rodavam fitas, cantavam modas bonitas, não havia bebedeira, não havia confusão. Cada um no seu espaço, sem moleza, sem cansaço; tinha ensaio o ano inteiro, ali mesmo no terreiro, na maior animação. Nem bem acabada a festa, ninguém curti a tristeza, já pensava no outro ano; nova farda era escolhida, e a mãe comprava o pano. Ela e as irmãs debruçavam velozmente na costura; homens faziam instrumento, tudo saía a contento; que alegria, que ventura! O dinheiro não faltava, porque do ganho regrado de cada um no serviço se separava um troquinho para o santo ser louvado.

O tempo passou, e os velhos adormeceram em Deus; os mais novos, hoje em dia, só querem saber de orgia, parece que são ateus... Ele agora, como herdeiro dessa rica tradição, ficou quase que sozinho, e para reunir parentes sopra o apito em vão. Uns foram à capital, outros o deixam na mão; a mulherada só quer novela e televisão. Quando chega o mês de agosto, perguntam, sem compostura: veio ajuda dos festeiros? tem verba da prefeitura? Pedem logo a sua parte para o gozo, a cervejada, mas para honrar quem merece não venha falar de nada. Carrancudo, entristecido, vai levando como pode; o que faz não tem sentido, o que vale é o pagode. Põe-se sozinho a chorar, o clima é de fim de feira; do mundo se sente ausente, resta-lhe apenas lembrar os congos de antigamente.

MICTÓRIOS

A louvação não é de hoje. Com ela, a dança, a cantoria, o comércio e - ninguém é de ferro - a comilança e os beberes. Como tudo que entra em excesso carece sair, o mijó se tornou um problema na praça. Não propriamente para os homens, que sem cerimônia se aliviavam no pastinho ao lado, atrás de qualquer barraca ou muro. A festa acabava e a catanga não tinha fim, caminhão-pipa nenhum dava jeito. Ou São Pedro colaborava, ou os vizinhos passavam nojo por muito tempo. Para as mulheres, a situação foi pior. De início, nem tanto, que o recato não lhes permitia parte nos folguedos etílicos. Com a liberação de costumes, porém, entraram na gandaia sem ter como acompanhar os colegas no descarrego. Os automóveis eram poucos, muitas iam a pé, e não havia tempo para "retocar a maquiagem" em casa. Improvisaram-se privadas de lata, sem nenhuma higiene, junto dos locais em que se servia a cerveja, rodeadas de lona, logo furada para o olhar concupiscente dos moleques. O jeito era procurar as "casas de família" (com placa, que o puteiro corria solto em roda) e pedir, vexadas, licença para usar o toalete. O abuso tornou inviável tal recurso, pois nem às mais respeitáveis os proprietários franqueavam ingresso.

Não sei quando se construíram dois sanitários na frente da praça. Suponho que no governo do Chicão, de 1.959 a 1.963, quando ela foi terraplenada pela primeira vez, ou logo depois. Sua imundície era deplorável: frequentemente sem zelador, sem papel higiênico, a fedentina tresandava. Ninguém entrasse de sandálias, que pisava no que não queria. Mais algumas décadas, e instalaram nas ruas os "banheiros químicos", móveis, considerados insuficientes. Nunca os usei e ignoro como funcionam. O problema só foi resolvido em 2.007, na reforma feita pelo Carlos, com sanitários aseados e confortáveis. Agora, este relato perde o interesse - se é que teve algum.

COMÉRCIO

"Mês que vem vamos pôr barraca na festa, e faturar em cima desses otários que só aparecem aqui para se exhibir e correr atrás das meninas."

Sentados em roda da garrafa de Limeira, os amigos discutiam os preparativos do negócio: "você encomenda os pastéis de fubá, os biscoitos-fofos com pernil, eu vou atrás da cachaça e do chope, você aluga a geladeira, as mesinhas, contrata os garçons..."

Cada tarde, mais uma rodada, e a pergunta: "tudo em riba, nos trinques? - então, saúde!"

Outro dia: "e aí, como vão as coisas? paz e prosperidade?"

"Sujou - não tem mais espaço na praça, negaram o alvará."

"Esquenta não, é tratar de consumir o material perecível..."

GRITO DO CONGADEIRO DOIDO

Na minha fraca cabeça não sei que santo mereça a devoção neste dia. Estou velho, estou passado; o meu resto de alegria ignoro se o dirijo ao congado ou à folia. Nos tempos da mocidade um e outra eu dançava; agora que sou pirado, que perdi a minha musa, nem lembro do que tocava, tenho a cachola confusa. Hoje é Reis, São Benedito ou Senhora do Rosário? Onde rezo, onde canto - no presépio ou no sacrário? Que bandeira eu levanto? Ponho farda ou uso manto? Pelo sim ou pelo não, um tal Ponte Preta imito, e na solidão do leito deixo este tosco grito escapar do pobre peito: viva o Santo Cozinheiro, que fez pastel de fubá, biscoito fofo e pernil, levados a Nazaré por três Magos numa mula, montada por Salomé. Ifigênia, moça loura, se apoderou dos petiscos e os serviu na manjedoura a José de Arimatéia, que não gostou da idéia. Joaquim, faminto, fez birra, quis comprar com incenso, ouro e mirra, mas Madalena se opôs, dizendo que eram seus. Herodes, rei dos judeus, de sua estrela no rastro, levou todos aos pagodes, e a festança rolou solta até que descesse o mastro.

CARTA A SÃO BENEDITO

Meu Santinho:

Você lembra, você sabe, quando chegou na cidade a sua alegre devoção, quem dela se encarregava, quem nela tomava parte, eram só os pequeninos, os pretos, despossuídos, humildes de coração. Eram só a sua gente, e para honrá-lo na dança lhes bastava quase nada: uma caixa, uma viola, uma modaimplezinha, muita fé, muita esperança. Você sabe, você lembra, qualquer espaço servia: terreiro, pasto, ruela cheia de poeira, algum ermo, descampado em volta de um cruzeiro. Você nunca lhes pediu nicho, altar ou recinto de morada; nem sua imagem havia, para que se precisava de capela, paramentos, alfaías e o quê lá mais? Você sabe, você viu, que tomei a dianteira dos festejos e, mesmo sendo meirinho, não era como os graúdos que desprezavam o congo, considerado apenas arruaça do povinho. Meu erro, não vou negar, foi querer dar-lhe lugar, uma casa ao pé da minha. Com enorme entusiasmo levantamos a igreja, sem atentar que em seu nome outros é que tinham voz. Tornei-me o zelador, dela e da própria renda, que ingenuamente supunha reservada ao seu louvor. Você sabe, está de prova, que para mim não visava proveito algum. Se a vendi não foi buscando indevida apropriação. Errei: de você e de Deus somente é que desejo perdão. Quis dar liberdade à festa, manter-lhe a autonomia, mas isso eu não podia. Desgostoso, excomungado, abandonei minha terra - nunca mais eu lá voltei. Hoje, de longe, sei que o congado está na moda, e na mão daqueles que me execraram. Virou negócio dos bons, dá proveito a muita gente. Não me importo, só lamento viver distante dos meus. Vou morrer em chão estranho, mas espero que um dia, com divina proteção, forme um terno de anjinhos para ter sua bênção. Do filho, Antônio.

CONGADEIRA CANSADA

Quando era ainda mocinha
Não tinha tempo ruim;
Com namorado ou sozinha
Eu folgava até o fim.

Linda vida! Bem catita,
Segurando a bandeira,
Tomava a minha biritá
E dançava a noite inteira.

Achava tudo bonito
E nem escolhia o santo:
Ifigênia ou Benedito,
De todos vestia o manto.

Só chegava em casa cedo,
Sem uma preocupação.
Hoje tremo, tenho medo
De tarado, de ladrão.

Corpo velho está cansado,
O meu tempo já passou.
Perdi todo o requebrado,
Animação acabou.

De reumatismo gemendo,
Com a perna muito inchada
E mais o calo doendo,
Quero um canto, sossegada.

Chego à rua, sem coragem
De subir a ribanceira.
Se tento seguir viagem,
Qualquer um me dá rasteira.

Vai ver purgante me deram!
Pareço galinha morta.
Por que é que não fizeram
A festa na minha porta?

Que tristeza! Já não posso
Acompanhar o meu terno!
O padre que me desculpe:
Para escapar do inferno
Ligo a tevê e assisto
Novena do Pai Eterno.

BEBIM, BEBIM

Uma prá mim, outra pro santo; duas prá mim, outra pro santo; treis prá mim, outra... chega! onde é que já se viu ele de zoeira? - farta de respeito... Eu memo, que já tô curtido, careço de dançá reto nessas rua estreita, móde suá o ardido da marvada e cantá as lovação dereito, segurá o mastro - ou é ele que me segura? Beijá a bandeira num devo, que o bafo me condena. É uma veis por ano, nesse tempo frio, o que se há de fazê? Mais umazinha ainda pode, o capitão não liga... Acho que passei da conta, daqui a pouco deito num canto limpo, prá num sujá a farda, até vortá o esprito. Se o padre me vê tô fudido, nasci sem-vergonha, ano que vem eu emendo. Sarve São Benedito! Nossa, que dia é hoje? e essa gosma? Cadê o meu terno? Fiquei prá trás, tô ferrado. Agora num tem mais jeito, vô sê posto prá fora... Fiz bobagem, num posso vortá atrás. Então, é mandá a derradeira, e seja o que Deus quisé...

ZELADORA

Manquitola de pequena, chorava por dentro um chorinho sentido ao ver as amigas, mês antes da festa, costurando fardas coloridas, ensaiando, e, no correr dela, enlouquecendo a rapaziada com requebros sensuais, que o cambito mirrado lhe vedava. Dançar como? Tristonha, pediu ajuda divina para participar do alegre culto, Ela lhe veio aos poucos, em idéia que a timidez custou a permitir se concretizasse. Um domingo, depois da missa, com vassoura e escova, se aproximou do velho sacristão - "posso ajudar?". Resposta afirmativa, pôs limpinho o chão da capela, em tarefa nunca mais largada. Dava gosto ver seu capricho ao tirar a sujeira: lavava, espanava, lustrava os bancos, com material adquirido do próprio bolso. Logo chegou ao altar: castiçais polidos, velas, toalhas engomadas, alfaia todas nos trinquês. Passava as batinas, recolhia as esmolas, dava avisos. Obtida a confiança do padre, exultou ao receber a chave do templo e ser chamada para serviços de que o cansado acólito já não dava conta. Quando ele se foi, bateu o sino no enterro - sabia todos os repiques - e assumiu de vez a função. Ficou íntima do santo - não lhe bastava manter a imagem reluzente no nicho. De noite, punha-a a dormir em cama de bebê, que ninguém é de ferro para ficar sempre em pé, e lhe velava o sono. No tempo do frio, cobria-a com manta quentinha, e lhe levava todas as manhãs café fresco e pastel de fubá. Assim seguia, desdenhando no íntimo das colegas, cujo folguedo não durava o ano inteiro. Novo vigário na paróquia, implicou com as maluquices e a despediu. Faltou-lhe o chão, fugiu-lhe a vida. Dois dias depois encontraram o corpo, envolto na capa roxa da irmandade, caído sobre a nave.

INSTRUMENTOS

Bisavô - capitão; avô - também; pai - capitão: ele mesmo - capitão. Quatro gerações, pelo menos, que o terno estava na família, para honra e louvor de São Benedito e da Senhora do Rosário. Não pedira o posto, porém, filho mais velho, o aceitou alegre, como missão a cumprir. Recebeu instrumentos toscos, comprados de segunda mão, ou que os próprios congadeiros fabricavam. Zeloso, nunca consentiu em emprestá-los, muito menos a profanos: eram sagrados, só tocavam para os santos. Com economias na apanha de café, fez pequeno cômodo ao lado de casa, para guardá-los. Terminada a festa, passava todo fim-de-semana afinando, lustrando, remendando cada um, por mais estragado que estivesse. Nisso gastava a vida, esquecido da diversão e da saúde. Correu o tempo. Velho e cansado, tinha lembrança confusa das coisas antigas. Caiu doente. Resignado, chamou o primogênito a fim de passar-lhe o bastão, como o ganhara na juventude. A resposta deixou-o atônito: "não temos interesse nisso não, nosso negócio é o pagode. Além disso, seu tratamento está caro, e precisamos de grana. Por isso, já negociamos os instrumentos". - "Nunca", retrucou sem forças; "prefiro morrer". E se foi mesmo, incapaz de obstar a venda. Agora, no abandono em depósito do comprador, de vez em quando eles emitem sons lúgubres, soados sabe-se lá por que mão.

RAINHA DA VARA

Eu fui Rainha da Vara! Lembro disso com saudade, com orgulho, com fervor. A você que me escuta, solta um riso de malícia e pensa só em besteira, eu vou logo lhe dizendo: não era o que lhe parece, e sim de muito respeito, o meu lugar no cortejo. Seguia ao lado do rei, conduzindo altaneira a insígnia de poder. A vara, roliça e curta, entrelaçada de fitas, que o padre havia benzido, era meu cetro, o sinal da autoridade que tinha. Assim sacra como o mastro, nunca foi substituída e a guardava com carinho, para exibi-la impecável apenas de ano em ano. Festeiros ignorantes do valor da tradição acabaram com meu cargo por vergonha, por pudor. Quiseram intitular-me a rainha das juízas. Inconformada e tristonha, eu aí abdiquei. Nada sou, porém já fui Rainha da Vara, sim! Você que me desmerece, você que debocha agora, cale a boca, vá prá rua - é só dar uma piscada que então aparece a sua.

FEITICO

Ano de vacas magras, longe da eleição, o prefeito só financiava ida de um dos ternos a festa na capital. Disputa acirrada, o capitão vencedor tratou de agradecer ao santo pela ajuda na escolha. Saindo da igreja, passou pelo cruzeiro, em cujo pé, com estranheza, viu um toco de vela preta, ainda fumegante, e vasilha de sangue sobre ossos. Persignou-se assustado: "cruz credo, esconjuro, não me arrisco, melhor desistir da viagem". Por via das dúvidas, avisou o vigário, morador vizinho. Ele esteve atento e, meses mais tarde, quando se decidia o pagamento de novo passeio, flagrou o chefe de terno rival no arranjo da "coisa". Repreensão: "meu filho, o que é isso, acha que adianta apelo a força do mal para ganhar"? A resposta encabulada: "se adianta eu não sei, sô padre, mas o cagaço do outro eu conheço bem...".

CONGUINHO

Olá! Eu sou o Conguinho, e nasci em Machado, que fica no sul do estado de Minas Gerais. Aqui na minha cidade, há mais de cem anos, acontece uma festa linda, em louvor de São Benedito, com rei, rainhas, guardas e ternos de congado, que é uma dança de escravos da África, muitos deles trazidos de um país chamado Congo. Por isso é que ela tem esse nome. Na verdade, eu me chamo Benedito, mas como desde pequeno gosto muito dela, e costumava seguir os grupos batendo lata, me puseram esse apelido. Tenho duas irmãs, a Rô e a Geninha, que são Rosário e Ifigênia, por causa de outras duas santas homenageadas na festa. Chatas, vivem implicando comigo, mas quando se vestem de princesas para o cortejo até que ficam bem bonitas. Só que isso eu não digo a elas...

No começo as festas eram muito simplezinhas, e feitas nas fazendas. Os cativos, com saudade da terra natal, adoravam os antepassados e os deuses do seu povo, disfarçados nos santos dos patrões. Estes fingiam acreditar no embuste, porque os acalmava e diminuía as tentativas de fuga. Depois devem ter gostado das cerimônias e dos batuques, participando deles pouco a pouco. Quem me contou isso foi Vó Maria. Ela mesmo dizia que foi rainha naquelas ocasiões, com coroa de flores e manto de saco de estopa.

Aprendi na escola que, depois de libertos pela princesa Isabel, muitos escravos não quiseram ficar na roça e vieram para a cidade, trazendo seus costumes e suas festas. A maioral delas - o congado - passou a homenagear os santos da nossa cor, especialmente meu xará, o Ditinho, e Nossa Senhora do Rosário. Aí fiquei encucado: mas ela não é branca? A professora então explicou que sua devoção, muito antiga, data do tempo dos portugueses, e que em 1.640 a declararam padroeira dos cativos do Brasil.

Na cidade onde eu moro, os ternos começaram a dançar na Grama, que hoje é a Policlínica; depois foram para a Santa Cruz, e por fim para a praça São Benedito, sempre em volta de um cruzeiro. Antes lá era uma poeirama que não acabava nunca; agora ela está calçada e arrumadinha. A festa esteve parada uns tempos por causa de briga com padres - coisa de gente grande que eu não sei explicar. Quando começou de novo foi só aumentando. Teve ano até com barracas de dois andares e artistas de televisão. A rua 14 fica cheia de camelôs, que vendem tudo o que a gente precisa. Mas eu gosto mesmo é das

barracas de diversão: argolinha, tiro-ao-alvo e teatro. Numa festa apareceu o homem que virava macaco, eu fui ver e até mijei na calça de medo. Teve também uma cabeça de índia separada do corpo que conversava com as pessoas, mas nesse eu não tive coragem de entrar. Na barraca do bingo criança não joga. O Maurinho é dono do alto-falante, uma vez eu ofereci moda para a Rita, depois passei correio elegante, e ela nem deu bola. Aí eu mesmo comi a maçã do amor que lhe havia comprado. Ingrata, sem-vergonha, tô chorando godê. Os quitutes da festa são uma delícia; acabaram os leilões de prendas e cartuchos, mas não faltam biscoito fofo com pernil, pastel de fubá, cocada e algodão doce.

A festa começa sempre com alvorada e o levantamento do mastro, que fica o ano inteiro guardado na casa do capitão. Na ponta se coloca a bandeira do santo. Parece que ele é meio sagrado, todo mundo põe a mão e faz o sinal da cruz. Depois os ternos dançam em roda, é muito bonito. Nos dias seguintes tem a novena na capela reformada, uma belezura. A tenda do congo é onde se mostram as lembranças do tempo antigo, tem muitos retratos, já vi uns de parentes meus. Em frente dela acontece o concurso de poesia, com apresentação dos ternos mirins. Eu danço no da minha escola, e bato caixa com muito orgulho.

São quase vinte ternos de gente grande, fora os visitantes, e quatro de crianças. Vez ou outra se forma um de índios caiapós, com uma bugrinha que corre atrás da gente, mas só de brincadeira. Outras diversões são o boi, a mulinha e a embaixada, que é a representação da corte de um rei chamado Carlos Magno e lutas de mouros contra cristãos.

Os mais bonitos são os três últimos dias, com os ternos fardados nas ruas, depois de comer e beber nos seus "ranchos". No domingo, a missa campal e a procissão com as santas imagens. Na segunda, a subida do reinado, com o rei perpétuo, toda a corte, os guardas, os festeiros e, agora não mais - que pena! - as juízas com sombrinhas abertas e a Irmandade com suas capas roxas. Ainda, a coroação dos novos festeiros. No derradeiro dia, apresentação de todos os ternos, a premiação, a descida do mastro e o canto de despedida.

Nem a festa acabou, eu já sinto saudade e fico esperando a do ano que vem. Pode?

DIÁLOGO DESANIMADO

- Vai?
- Vou.

- É boa?
- Tem melhor.

- Novidade?
- Não varia.

- Do que gosta?
- É daqui.

- O que ver?
- Minha gente.

- O que incomoda?
- Relaxada.

- O que aproveita?
- A fé.

- Por que dura?
- Dinheiro.

- Muita compra?
- Ordinária.

- Se diverte?
- Já cansei.

- E sem ela?
- Piorava.

NATAL

Advento. Preparo dos festejos. Inconformada, a zeladora via armação de presépios na Matriz, na praça Antônio Carlos, na rua da Máquina, em tantas casas de fiéis. E a Capela, recentemente reformada, tão bonita, sem um? Impossível. Foi ao vigário e obteve permissão para fazer o seu. Dificuldade não houve: muitos são os devotos de São Benedito, e todos quiseram colaborar. Na hora do arranjo, porém, o impasse. O padroeiro não podia, de nenhum modo, ficar fora. Mas - onde colocá-lo? No lugar de São José, não, por falta de respeito. Nem com os Magos, que só eram três. Entre os pastores, guardando ovelhas? - que despropósito! Escondido numa cozinha de Belém não lhe agradava. Pensa que pensa, e surge a maior dificuldade: ele é representado com Jesus no colo! Mas, como haver numa só montagem dois Meninos? Para tudo, valha-me Deus, existe um jeito. Na inauguração, surpresa geral ao vê-lo deitado na manjedoura, ninando o recém-nascido.

MISTURA FINA

É alegria? é algazarra? é alvorada? é alvoroço? é badulaque? é bandeira? é barulho? é barraca? é bebedeira? é bilhete? é bingo? é biscoito fofo? é boi? é briga? é cachaça? é caiapó? é camelô? é cerveja? é comércio? é congado? é dança? é desordem? é despesa? é devoção? é dinheiro? é droga? é embaixada? é encanto? é encontro? é encrenca? é farda? é farra? é fé? é festa? é festeiro? é foda? é foguete? é folclore? é forró? é frio? é gasto? é gente? é gosto? é guarda? é imagem? é inveja? é instrumento? é irmandade? é jogo? é juíza? é ladroeira? é leilão? é lista? é lucro? é mastro? é missa? é mulata? é mulinha? é música? é namoro? é novena? é padre? é paquera? é pernil? é político? é preto? é puta? é rainha? é rei? é religião? é respeito? é reza? é santo? é saudade? é sino? é som? é sorteio? é tenda? é tira-gosto? é tonteira? é torresmo? é turista? é vadiagem? é viajante? é zoeira? É tudo isso? É **São Benedito!**

INTERESSE

Antigamente, a congada
Cumpria todo preceito;
Era uma festa sagrada,
Com amor e com respeito.

Instrumentos mal soavam,
Por muito rudimentares;
Tocantes os fabricavam
No recesso de seus lares.

Fardamento pobrezinho
A mulherada cosia
Com o mais ordinário linho,
Estopa da sacaria.

E nada era empecilho
À devoção e ao folgado;
Fosse o pai, ou fosse o filho,
Pulava da cama cedo.

Não se deixava da lida
Que era dura, só no muque,
Para gozar boa vida
Por conta de um batuque.

Hoje em dia é diferente:
A quem dança em todo canto
A bufunfa vai na frente.
Só querem levar um tanto

Para viagens, diárias,
Transporte, acomodação,
E mais mordomias várias,
Que ninguém é bobo, não.

Não se pejam de avisar:
"Se não rolar o dinheiro
Nós vamos logo votar
O *impíti* do festeiro".

E o congo se dedica
A qualquer santo do céu,
A Dom Pedro, Tiririca,
Lula ou princesa Isabel.

O que importa é que ele renda
Um cachê satisfatório.
Não se precisa de tenda,
Muito menos de auditório.

Benedito, nos esqueça;
Rosário, ninguém a quer;
Ifigênia, aqui não desça -
A vez é de Lucifer.

SAUDADE

Cadê a capela pobre? Cadê o cruzeiro tosco? Cadê a tristeza do sino, mesmo querendo animar? Cadê a poeira na praça? Cadê a escuridão e o barranco dos agarras? Cadê a banda de música? Cadê o cheiro das barracas da Donda e da Ana Gorda? Cadê o quentão e a garapa? Cadê os mictórios de lona? Cadê o jogo de argolas, a pescaria de brindes? Cadê as luzes vermelhas nas portas mal-afamadas? Cadê Aspásia, cadê Dirce, cadê Tuta, cadê Cota? Cadê suas inquilinas? Cadê as placas nos lares das famílias respeitáveis? Cadê o Venézio? Cadê o leilão de prendas, com seus quartos de leitão, frango assado e cartuchos de papel? Cadê Tio Chico, cadê Justino, cadê Domingos? Cadê os Gominhos e o Antônio Serrador? Cadê o homem-macaco, cadê a índia sem corpo? Cadê Sá Lolota? Cadê a Paulina e as velhas de capa roxa? Cadê a sotaina do padre? Cadê Lucílio? Cadê o Dimas, cadê o Lúcio e o Osvaldo Signoretti? Cadê aquela menina de mantozinho azul? Cadê minha mocidade?

JUÍZA

Todo dia depois do almoço, móde aliviar a casa de bodum incômodo, punham a velha quase centenária sentada num toco de frente para a rua, coberto com meia-água de lona, e lá a deixavam até de noitinha, perdida em lembranças e caduquices. Saia comprida, chinelo de dedo, pano na cabeça, nas mãos um terço com medalha de São Benedito, sempre mascando fumo, respondia apenas aos que lhe tomavam a bênção: "*Sunscristo!*". Em que matutava? No seu tempo de juíza. Tinha sido mulata airosa, com muitos rompantes, e cada ano vinha o terno pegá-la em casa na segunda-feira maior, para acompanhar o reinado e depois trazê-la de volta, cheia de pompa. Economizando uns trocados, fizera a melhor roupa e forrara com as mesmas cores do congo que acompanhava a sua sombrinha. Esta era só do santo, não protegia da chuva, não. Ficava guardada o ano inteiro. Fora devidamente benzida, e quando necessário o Güê a reformava. Ainda a mantinha no canastrão. Com o tempo os costumes mudaram, e esse adereço sumiu da procissão. As juízas foram esquecidas. Um ano resolveram ressuscitá-las só para arrumar dinheiro: mandaram as interessadas deixar um laço de fita vermelha nas portas, com envelope de contribuição, a fim de serem levadas pelos ternos. Que nojo! Largou então de vez o congado, remoendo a mágoa. Quando lhe falam nele, enrola palavras que ninguém entende, e deixa escapar um chorinho sentido.

ENTERRO DA RAINHA

Recostada em poltrona antiga de mais de meio século, os pés inchados sobre banco recoberto de almofada da mesma época, a ofegante senhora de olhos semi-cerrados desfiava um terço nas mãos trêmulas. O suor lhe cobria a face, e era visível o esforço para manter-se ativa. Já abdicara de lembranças, deixara de curtir glórias passadas. Não se queixava, não gemia: esperava o inevitável. E assim se foi, levada pelos santos de que era devota.

Agora estava com vestido branco longo, faixa no peito, manto azul sobre os ombros e a coroa do reinado. Os dedos entrelaçavam pequena imagem de São Benedito. Quase sorria. Loas e rezas. Fechado o caixão simples, puseram em cima a bandeira do seu terno. No caminho para a capela, congadeiros ensaiaram cantoria, mas a emoção lhes embargou a voz e se quedaram mudos. Só a zabumba cadenciava os passos do cortejo. O planger do sino anunciou a chegada. Encomendação. O rumo para a morada definitiva, ainda ao som da zabumba e de novas badaladas. Terra, flores. E o descanso. O fim.

DANÇANTE ESCADEIRADA

Mocinha, no pagode ou no congado, exhibia bem faceira as pernas que alguém chamou de "*as mais belas do Machado*". Anos depois, já rainha, e muito mais comedida, ainda dava bons requebros no terno que era sua vida. De repente, um estalo - travou tudo, até o peito. "E agora, o que é que eu faço? Parece que não tem jeito! Será que a festa acabou? Como vou louvar o Santo, como vou mostrar a forma, o resto que me sobrou? Ficar de fora eu não quero!" Um remédio sempre se há de encontrar: vestiu a saia brilhante; catou uma poltrona de braço, forrada com a mesma cor, e duas ripas reforçadas; quatro negões de dois metros - "está pronto o meu andor!" Logo atrás das bandeiras segue alegre e já sem dor. Joga beijos para todos, e até pensa em deixar vistos, como aquela artista velha, os seios à multidão. Desiste porém do intento, por respeito a Benedito. Que beleza! O cortejo vai em frente... A rainha congadeira apreciou a moleza e agora, minha gente, só quer dançar de cadeira...

AGREGADO

Não tinha jeito prá dança, não tocava instrumento, sua voz desafinava - e queria ser congadeiro! Era incapaz de dar ordem, não pedia donativos, nas reuniões não falava - e queria ser congadeiro! De ideia meio fraca, não bolava vestes belas, qualquer moda ou novidade - e queria ser congadeiro! Aos poucos foi se encostando num terno dos mais modestos para servir de criado. Limpador de arranchamento, ajudante de pedreiro, pau para toda obra, leva-e-traz, afinava os tamborins, trocava couro estragado. Lavador, engomador, deixava as roupas nos trinquês, bem passadas e cheirosas, e o material de cada um separado. Ia às compras, estocava mantimentos. Como o Santo que louvavam, o seu forte era a cozinha: lá parecia quase um benedito de mosteiro. Preparava as refeições, como garçom as servia, depois lavava os pratos. E quando todos saíam para a reza, a cantoria, era um cão a vigiar a casa e os seus pertences. Assim passaram os anos, assim se tornou um velho, sem que ninguém lhe pagasse, sem que lhe dessem valor. Não pedia ou esperava recompensa ou gratidão. Alguma coisa, porém, sentia que lhe faltava. Um dia tomou coragem e chegou no capitão: "quero mesmo é trabalhar fardado como os do congo...". A resposta veio dura, de cortar o coração: "mas você não é dos nossos, isso não pode, não". As pernas ficaram bambas, a vista escureceu. Não replicou: foi murchando... No dia seguinte houve faxina grande no céu.

A IRMANDADE

O Santo de que se trata, conforme os biógrafos, é o que tem sob invocação mais irmandades no Brasil. A primeira delas, de Salvador, na Bahia: em 1.686 foram encaminhados a Roma, para aprovação, os estatutos da Irmandade do Bem-aventurado Frei Benedito de Palermo - bem antes, portanto, de sua canonização, ocorrida em 1.807. Existe um órgão que as congrega, o Conselho Nacional das Irmandades de São Benedito do Brasil - CONISB, com sede antes em Sorocaba, SP, e depois em Piquete, no mesmo estado.

Como já salientei noutra obra, ignoro a data da fundação da Irmandade local. Em solenidade no mês de outubro de 1.928, foi representada pelo provedor dr. Olegário Dias Coelho, pelo vice-provedor João Vieira da Silva, e pelos membros Antenor de Paula Ferreira, Antônio de Paula Ferreira, Ezequiel Ferreira Lúcio, João Baptista Lavras e Sabino Pereira Fagundes. Diversas associações paroquiais enviaram ofício ao juiz de direito, em julho de 1.954, pedindo "*um cinema mais moral*". Entre seus signatários, pela Irmandade de São Benedito, estavam Antônio Augusto de Carvalho, Maria da Conceição Dias e Oscar de Souza Dias. Nas décadas de cinquenta e sessenta, ela era liderada por Paulina Lima, a "Paulina do Ginásio". Depois, foi paralisada.

Pelas buscas que solicitei - hoje, infelizmente, se restringe cada vez mais a consulta do próprio pesquisador aos arquivos - não existem livros de atas ou registro de estatuto dela na biblioteca da Paróquia da Sacra Família e Santo Antônio (não é mencionada nos seus livros de tombo) e no Cartório de Títulos e Documentos da Cidade.

Cumpre não confundir a Irmandade com a Conferência de São Benedito, oriunda de divisão da Sociedade São Vicente de Paulo, em março de 1.960.

Santo tem cor? O nosso, sim. De maneira não uniforme entre os povos, convencionou-se relação entre algumas cores e virtudes ou sentimentos. Assim, ao menos por aqui, branco representa a paz, a pureza; preto, o luto; verde, a esperança; azul, a felicidade; vermelho, a paixão, a ira... Roxo, símbolo da devoção e da piedade, era a cor de São Benedito que em Machado se venera. Nas cerimônias religiosas os membros da Irmandade trajavam uma curta capa roxa.

Em 2.014, nas comemorações do centenário da festa de São Benedito, a Irmandade foi reativada informalmente (sem livro de atas, estatuto e eleição de diretoria), passando seus membros a usar uma fita branca como distintivo, por sugestão do Cônego Wálter Pulcinelli.

Na "*Vida de São Benedito*" escrita por Aloísio Teixeira de Souza há referências ao uso de vestimenta branca pelos membros da Irmandade. Por outro lado, "*site*" na internet noticia que na festa de Vitória, ES, a cor roxa é utilizada por eles juntamente com o branco e o bege.

MISONEISMO

Antigamente qualquer estopa fardava, ramo de flor coroava, lata de banha batia. A violinha era um luxo; a dança, de pés descalços; a moda, um lerê-lará. Comia-se mesmo em casa, não se deixava o serviço para honrar o padroeiro. Não tinha associação, reuniões o ano inteiro, nem pedidos de ajuda, subvenção e dinheiro. O que vinha era do santo (embora o padre embolsasse). Hoje existe arranchamento, com banquete e cachaçada; apresentação é cobrada, capitão tira o "barato". A fé ficou mais distante, de folclore é que se fala. Negro velho não tem vez; se reclama, é pro xadrez, cabisbaixo, que ele vai. O que aumentou foi o brilho, a ostentação, a disputa. Simplicidade é de pobre. Importa fazer viagem, entrevista, reportagem, sair na televisão. Onde se esconde o encanto das festas de eu-menino, da poeira, toque de sino? - no fundo do coração...

CREPÚSCULO

Cabisbaixo, junto ao buraco do mastro que havia ajudado a descer - pela última vez, pressentia - recitava entre lágrimas versos do tempo de escola - *"oh! que saudades que eu tenho da aurora da minha vida"*... Sequer entoara, naquele ano, o canto de lembrança dos congadeiros mortos - *"não mais, musa, não mais, que a lira tenho destemperada e a voz enrouquecida"*... Nem se animara a acompanhar o terno à casa do capitão, para guarda da relíquia até a festa seguinte - *"é tarde, é muito tarde! o templo é negro e o fogo santo já no altar não arde"*... Quantas horas ali esteve, sem reação ante o inevitável? Gotas de chuva escorriam pela sua calva, misturando-se às que lhe brotavam dos olhos - *"tu choraste em presença da morte?"*... Estava escuro, e a praça, quase deserta, quando se levantou e, passos lentos, seguiu pela avenida na direção do campo santo, batendo o surdo, batendo o sur-do, ba sur-do, sur-do, do, do, do, do...
